



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS
CAMPUS GURUPI
CURSO SUPERIOR LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS**

JENNIFER MORAES GONÇALVES

**A RELAÇÃO DA OBRA DE PAULO FREIRE E O TEATRO DO OPRIMIDO DE
AUGUSTO BOAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO - UM
ESTUDO BIBLIOGRÁFICO**

GURUPI - TO

2015

JENNIFER MORAES GONÇALVES

**A RELAÇÃO DA OBRA DE PAULO FREIRE E O TEATRO DO OPRIMIDO DE
AUGUSTO BOAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO - UM
ESTUDO BIBLIOGRÁFICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes
Cênicas do Instituto Federal do Tocantins – *Campus*
Gurupi, como exigência à obtenção do grau de
Licenciado em Artes Cênicas.

Orientador: Professor Mestre Claudemir Figueiredo
Pessoa Onassayô

GURUPI - TO

2015

Gonçalves, Jennifer Moraes.

A relação da obra de Paulo Freire e o teatro do oprimido de Augusto Boal e suas contribuições para a educação: um estudo bibliográfico. – Gurupi 2015. 38f.

Monografia (Licenciatura em Artes Cênicas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – Campus Gurupi, 2014.

Orientador: Prof. Mestre Claudemir Figueiredo Pessoa Onassayô

1. Paulo Freire 2. Augusto Boal 3. Educação 4. Teatro 5. Oprimido I. Título.

JENNIFER MORAES GONÇALVES

**A RELAÇÃO DA OBRA DE PAULO FREIRE E O TEATRO DO OPRIMIDO DE
AUGUSTO BOAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO - UM
ESTUDO BIBLIOGRÁFICO**

Aprovada em: ___/___/___

BANCA AVALIADORA

Prof. Esp. Paulo Reis Nunes
IFTO – Campus Gurupi

Prof. Esp. André Luiz Moura Siqueira
IFTO – Campus Gurupi

Prof. Esp. Vinicius Lopes Marinho
Centro Universitário UNIRG

Esp. Ana Terra Ross Mendes
IFTO – Campus Gurupi
(Suplente)

Aos meus pais Maria Gorette Moraes e S. Gonçalves e Alan Eusébio Gonçalves e amigos, que sempre incentivaram meus sonhos e estiveram sempre ao meu lado. Aos meus colegas de classe e demais formandos pela amizade e companheirismo que recebi.

Ao Professor Mestre Claudemir Figueiredo Pessoa (Onassayô), que me acompanhou, transmitindo-me tranquilidade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as bênçãos recebidas, que em sua infinita misericórdia me deu, e continua me dando, paz, alegria, saúde e coragem. Por conceder-me a serenidade necessária para aceitar as coisas que não posso modificar, coragem para modificar aquelas que posso e sabedoria para distinguir uma da outra.

À minha família, por está sempre ao meu lado. Mãe, seu carinho, sua compreensão, sua paciência e seu amor trouxeram-me tranquilidade para que eu pudesse acumular força e esperança para continuar a prosseguir mesmo em momentos e em situações impossíveis de se alcançar. A meu pai, que sempre esteve presente, e que com respeito acompanhou meu crescimento, e deixou que tomasse decisões importantes.

Aos professores que tive o prazer de conhecer e que me ensinaram e contribuíram imensamente com o meu crescimento.

Aos grandes amigos que tive o prazer de conhecer e conviver durante esses três anos e meio.

A todos que de alguma forma, me apoiaram e me ajudaram a vencer este desafio.

Obrigada!

No Teatro do Oprimido, refletimos sobre o passado, ensaiamos sua transformação no presente, para inventarmos o futuro desejado, porque ser cidadão é transformar a realidade e viver é mudar o mundo.

Augusto Boal

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é analisar a relação da obra de Paulo Freire e o Teatro do Oprimido de Augusto Boal, as suas contribuições para a educação e as aproximações entre o papel do educador democrático e o sistema curinga do Teatro do oprimido. Para isso, a metodologia utilizada foi à revisão bibliográfica de literatura das obras de Paulo Freire, e o Teatro do Oprimido de Augusto Boal. Nesta pesquisa primeiramente foi abordada a teoria de Paulo Freire para entender como o autor pensava a educação libertadora para a formação de um indivíduo mais autônomo e mais livre; em seguida, fez-se uma pesquisa sobre Augusto Boal e a sua metodologia, o Teatro do Oprimido, objetivando conhecer sua proposta para um novo tipo de teatro e quais as inovações trazidas por ele para a formação do pensamento crítico, e para concluirmos analisamos o papel do educador democrático e o sistema curinga e quais as suas aproximações e suas contribuições para a formação de pensamentos autônomos. Podemos concluir que o papel do Professor Democrático e do Curinga (figura protagonista do sistema curinga) tem por objetivos a resolução de problemas sociais, políticos e econômicos de uma determinada sociedade, pois é justamente pelo fato do ocultamento destes temas que fazem com que o ser humano seja tomado pelo “ser menos”. Para que tenhamos um resultado promissor, nos dois papéis, é necessário lançar o “problema” ao educando e/ou a plateia, dando todo um suporte de fatos concretos e reais, sem omissão e ocultamento das historicidades que os levam a compreensão dos fatos, históricos e políticos da sociedade, pois como diz Freire, se somos seres históricos e inacabados, todos nós possuímos uma bagagem de conhecimento, e esse conhecimento será a chave para a resolução dos problemas lançados pelo educador/curinga.

Palavras-chave: Paulo Freire. Augusto Boal. Educação. Teatro. Oprimido.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the relationship of the work of Paulo Freire and the Oppressed Man Theatre by Augusto Boal and its contributions to education and the similarities between the role of the democratic educator and the joker System Theatre of the Oppressed. For this, the methodology used was a critical and bibliographical review of literature works, Education as the Practice of Freedom, Pedagogy of the Oppressed and Freire's Pedagogy of Autonomy among others, and the Theatre of the Oppressed Boal. In this research was first addressed the theory of Paulo Freire to understand how the author thought the liberating education for the formation of a more autonomous and more free individual; then became a research on Augusto Boal and its methodology, the Theatre of the Oppressed, aimed at understanding their proposal for a new kind of theater and what innovations brought by him to the formation of critical thinking, and to conclude analyze the role of the democratic educator and the joker system Boal and what their approaches and their contributions to the formation of autonomous thoughts. We can conclude that the role of the Democratic Teacher and the Wildcard (figure protagonist of the wildcard system) aims to the resolution of social, political and economic of a given society, it is precisely because of the concealment of these issues that make being human is taken by "being less". In order to have a promising result in both roles, you must launch the "problem" to the student and / or the audience, giving all a support concrete facts and real, without omission and concealment of historicity that lead to understanding of the facts, historical and political society, because as Freire, if we are historical and unfinished beings, we all have a baggage of knowledge, and this knowledge will be the key to solving the problems launched by the educator / wildcard

Keywords : Paulo Freire . Augusto Boal . Education . Theatre. Oppressed.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
2 OPRESSÃO X OPRIMIDO NA BUSCA DA LIBERDADE.....	13
2.1 Paulo Freire Como Educador e Emancipador Da Pedagogia Libertadora.....	15
2.2 A Educação Libertadora E A Pedagogia Do Oprimido.....	18
3 AUGUSTO BOAL E O TEATRO DO OPRIMIDO.....	22
3.1 Técnicas Do Teatro Do Oprimido.....	24
3.1.1 Teatro Jornal.....	24
3.1.2 Teatro Imagem.....	24
3.1.3 Teatro Invisível.....	25
3.1.4 Teatro-Fórum.....	25
3.1.5 Teatro-Fórum.....	26
3.1.6 Teatro Legislativo.....	26
3.1.7 Árvore do Teatro do Oprimido.....	27
4 APROXIMAÇÕES ENTRE O EDUCADOR DEMOCRÁTICO E O SISTEMACURINGA.....	29
4.1 Sistema Curinga.....	29
4.2 Quadro de Aproximações Entre o Educador Democrático e o Sistema Curinga.....	29
4.3 Quadro de Aproximações Entre o Educador Democrático e o Sistema Curinga.....	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
6 REFERÊNCIAS.....	35

INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste na análise histórica e bibliográfica acerca da Pedagogia do Oprimido de Freire e o Teatro do Oprimido (TO) de Boal, objetivando verificar a relação entre as obras, as suas contribuições para a educação e as aproximações entre o papel do educador democrático e o sistema coringa do Teatro do oprimido.

A metodologia utilizada para realização da presente pesquisa foi a bibliográfica. Segundo Gil (2002), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, construídos principalmente de livros e artigos científicos”.

Para desenvolver essa pesquisa foram consultadas as obras clássicas de Paulo Freire e Augusto Boal e também as bases de dados de trabalhos nacionais SCIELO e Google Acadêmico, a partir das palavras-chaves como: Teatro do oprimido, Educação, Paulo Freire e Augusto Boal. Com a utilização destes termos foi possível construir uma pesquisa bibliográfica para melhor compreensão sobre o assunto e novos conhecimentos.

Para melhor entender a linha de pensamento desses dois autores, que retratam em suas obras um problema social em comum à “Opressão”, precisamos compreender: o que é opressão?, O que é ser oprimido? e qual é o papel do teatro e da pedagogia do oprimido na educação?

A disparidade social é um dos maiores problemas da sociedade e é uma das causadoras de boa parte dos conflitos entre os povos. Ela está relacionada a má distribuição de riqueza de um país, gerando um contraste econômico e social entre a população. Esse quadro de desigualdade gera um processo de exclusão relacionado à moradia, emprego, saúde, educação e outros aspectos de direito do cidadão dentro de uma determinada sociedade.

Segundo o site Toda Matéria: conteúdos escolares (2011-2015 7ºAno) a desigualdade social no Brasil é decorrente, essencialmente, da má distribuição de renda, podendo ser observadas nas favelações, pobreza, miséria, desemprego, desnutrição, marginalização e violência. Colocando, assim, nosso país entre os dez países do mundo com o PIB mais elevado, e o oitavo país com maior índice de desigualdade social e econômica do mundo.

Os autores estudados e analisados criaram metodologias de ensino que contribuem para a redução da desigualdade social, no sentido da exclusão, em

especial no campo da educação. O estudo nos ajudará na compreensão do funcionamento e aplicação destes métodos, tanto na educação formal quanto na informal, ampliando os caminhos para que possamos olhar para as práticas pedagógicas na construção de novos saberes e novas práticas.

Nesta pesquisa primeiramente abordamos a teoria de Paulo Freire para entender como o autor pensava a educação libertadora para a formação de um indivíduo mais autônomo e mais livre; em seguida, fez-se uma pesquisa sobre Augusto Boal e a sua metodologia, o Teatro do Oprimido, objetivando conhecer sua proposta para um novo tipo de teatro e quais as inovações trazidas por ele para a formação do pensamento crítico, e para concluirmos analisamos o papel do educador democrático e o sistema coringa de Boal e quais as suas aproximações e suas contribuições para a formação de pensamentos autônomos.

2 OPRESSÃO X OPRIMIDO NA BUSCA DA LIBERDADE

Zatti (2007) diz que a opressão é uma realidade histórica concreta da qual parte da humanidade é vítima. A opressão para Freire (1983, apud Zatti, 2007) é a negação da liberdade, negação do homem como “ser para si”. Portanto a opressão é uma condição da ausência da autonomia do homem.

Para Zatti (2007), a opressão se verifica hoje em situações concretas como a miséria, a desigualdade social, a exploração do trabalho do homem, as relações autoritária, entre outras, em situações que fazem o homem viver em condições de heteronomia já que limitam ou anulam sua liberdade de optar e seu poder de realizar.

Freire (1983 apud Zatti, 2007), cita que a opressão é uma realidade desumanizante. Toda opressão, que em si mesma é alienante, leva o homem a ser para outro a “ser menos”, negando-o o seu caráter criativo e criador e a sua liberdade humana.

Segundo Canda (2012), o oprimido é o sujeito que está sempre em luta, em conflito com o opressor. Mas nunca atingirá êxito enquanto não tiver condições de visualizar outras possíveis estratégias para resolver o problema apresentado.

Para que possamos entender melhor o que é um ser oprimido precisamos compreender qual o significado do “ser menos”. Segundo Freire (1981, p. 16) as violências causadas pelos opressores aos oprimidos os fazem desumanizados, instaurando neles a vocação do “ser menos”. Como distorção do “ser mais”, o “ser menos” leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os faz menos.

O oprimido é o ser humano alijado da condição de “ser mais” no sentido de realização da vocação de ser capaz de pronunciar o seu mundo como sujeito. É um ser histórico com uma subjetividade complexa cujos os níveis de profundidade requerem, para sua apreensão, uma “arqueologia de consciência”. Embora seja o portador da esperança de um futuro diferente, ele não está isento ou acima dos conflitos e das contradições da sociedade em que vive. (Streck, 2009). O autor afirma ainda que, o oprimido consubstancia-se como sujeito na luta pela liberdade. Sendo ele o sujeito do ato e de libertação, portador de virtudes como: autonomia, dialogicidade, humildade, esperança, e fé no ser humano.

Para o oprimido torna-se um “ser mais”, um sujeito livre e portador de sua própria concepção de mundo, “eles precisam, nos vários momentos de sua libertação, reconhecer-se como homens, na sua vocação ontológica e histórica de *ser mais*” (FREIRE 1987).

Freire (1987), diz que os oprimidos, que introjetam a “sobra” dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade, na medida em que está, implicando a expulsão desta sombra, exigiria dele que “preenchesse” o “vazio” deixado pela expulsão com outro “conteúdo” – o de sua autonomia.

Os oprimidos, acomodados e adaptados, “imersos” na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la, e a temem também na medida em que lutar por ela significa uma ameaça, não só aos que usam para oprimir, mas aos companheiros oprimidos, que se assustam com maiores repressões (FREIRE 1987). Este é o grande dilema dos oprimidos e um desafio que a pedagogia do oprimido, ao qual falaremos no próximo capítulo, tem de enfrentar.

Por isso, a libertação para Freire (1987), é um parto doloroso, mas o homem que conseguir nascer deste parto será um homem novo, um ser superado da contradição opressor-oprimido.

A superação da contradição, opressor-oprimido é o parto que trará ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas sim o homem liberto.

Faz-se indispensáveis, aos oprimidos segundo Freire (1987), para a luta por sua libertação, que a realidade concreta de opressão já não seja para eles uma espécie de “mundo fechado” (em que se gera seu medo da liberdade) do qual não pudessem sair, mas uma situação que apenas os limita e que eles podem transformar, é fundamental, então, que, ao reconhecerem o limite que a realidade opressora lhes impõe, tenham, neste reconhecimento, o motor de sua ação libertadora.

E o que seria esse tal “mundo fechado” para Paulo Freire?

Segundo Freire (1987), para que o homem experimente dessa liberdade autônoma, além de lutar por sua liberdade, ele precisa conhecer bem, os fatores geradores de sua opressão no contexto histórico-cultural. Somente após ter conscientemente essa concepção formada é que ele poderá sair do que Freire chamou de “mundo fechado”, pois é através do conhecimento e da compreensão

desses conhecimentos que homem deixará de pertencer ao “mundo fechado” e desconhecido até então.

2.1 Paulo Freire como Educador e Emancipador da Pedagogia Libertadora

O educador brasileiro Paulo Freire está entre os mais influentes pensadores da educação do século XX. Nasceu em Recife (PE), em setembro de 1921 e faleceu em maio de 1997 na cidade de São Paulo. Depois de uma breve carreira como advogado, tornou-se professor de português em escolas de ensino médio de 1941 a 1947. Mais tarde passou a atuar com a educação de adultos e capacitação de trabalhadores [...]. Valoura (2005/2006).

Foi exilado durante a ditadura de 64, sendo amparado pelos países como a Bolívia e Chile. No início da década de 70 mudou-se para Genebra na Suíça, onde, durante esse período, criou um Instituto de Ação Cultural (IDAC) de assessoria de diversos movimentos populares, em vários locais do mundo, atuando também como conselheiro na reforma educacional das ex-colônias portuguesas na África nesse mesmo período.

Retorna ao Brasil na década de 80 onde continua com suas atividades de escritor e debatedor levando-o a assumir cargos em universidades e também a sua atuação como Secretário Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo, sob o regime o partido petista liderado pela a então Prefeita Luiza Erundina.

Por meio de sua participação política em lutas e movimentos sociais, Paulo Freire vivenciou experiências que o levaram a se engajar em movimentos sociais, voltado aos mais pobres e oprimidos, de cunho libertador. Criou um método de alfabetização de jovens e adultos do qual conhecemos hoje como pedagogia libertadora, onde os princípios dessa educação baseia-se na libertação social, resultante do processo permanente de conscientização dos sujeitos e de seu papel para a transformação da vida e das relações de opressão.

Canda (2011/2012), afirma que as obras de Paulo Freire sustenta-se na compreensão do papel ativo do homem na cultura, em um processo dialético: ao intervir no contexto social, o ser humano também se modifica.

O ato de Educar é libertar, construir e livrar a humanidade do determinismo, fazendo com que possamos conhecer o papel da História, onde a identidade cultural, é fundamental à técnica pedagógica libertadora. Desrespeitando

esta identidade, sem levar em consideração as experiências presenciadas pelos educandos antes mesmo de ir para a escola, o processo de ensino aprendizagem será inútil, tornando-se, apenas, um emaranhado de palavras desconexas sem um real significado. Freire (2011, p. 30) diz que

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas, histórico como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se faz velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos a produção do conhecimento ainda não existentes. Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. A “dodiscência” – docência-discência – e a pesquisa, indicotomizáveis, são assim prática requeridas por esses momentos do ciclo gnosiológico.

Para haver a superação de um conhecimento que até então era novo, o educando precisa estar disposto, conscientemente, a receber um novo conhecimento, e deixar para traz o conhecimento antes novo agora velho, tornando, assim, o conhecimento adquirido como novo, mas sempre aberto a receber novos conhecimentos.

Freire (2011, p.29), afirma que só, na verdade, quem pensa certo, mesmo que as vezes pense errado, é quem poderá ensinar a pensar certo. E uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiados certos de nossas certezas.

Para que haja o momento do ciclo gnosiológico o educador precisa ser conhecedor da verdade, mas não da verdade absoluta e sim do conhecimento que até então é considerado como novo, tendo consciência de que esse conhecimento, a qualquer momento, possa passar de novo para velho, colocando-se a disposição da mudança, que poderá ser ultrapassado por outro conhecimento novo no amanhã.

Por isso mesmo pensar certo coloca o professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com quem os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos a prática comunitária -, mas também discutir com os alunos a razão de ser alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 2011, p.31).

Para Freire (2000), o papel do educador é estabelecer e desenvolver a curiosidade e a vontade de aprender dos educandos. O Educador democrático, para ensinar precisa ser rigoroso, não podendo negar-se o dever de, reforçar a capacidade crítica do educando. Além de ensinar o conteúdo ele também precisa “pensar certo” ; pois, é na leitura e em sua compreensão, que o educando se torna sujeito. (FREIRE, 2000, p. 26)

Para Freire (2000), para que o educando se torne sujeito, deve exigir a pesquisa; por implicar a curiosidade e o questionamento sem os quais não existe conhecimentos. Educar exige respeito aos saberes dos educandos, para discutir a razão de ser de alguns desses saberes em relação aos conteúdos.

Ensinar também exige uma formação ética, afirma Freire (2000), educar é antes de tudo formar, para que o pensar seja intenso na compreensão e interpretação dos fatos. O ensinar exige que as palavras sejam incorporadas para que o pensar certo seja o fazer certo, buscando a segurança na argumentação.

Ensinar exige risco, pois o educando precisa aceitar o novo e qualquer discriminação sem se deixar levar pelo emocional. O ensinar exige comprometimento do educador em assumir e reconhecer a identidade cultural dos educandos para proporcionar-lhes condições de interação e de relação uns com os outros e de todos com ele. O professor precisa promover a comunicação e a intercomunicação para que haja uma reflexão nas experiências corridas dentro do ambiente escolar, pois uma atitude, do educador, mal interpretada, poderá fazer um mal enorme ao aluno.

Pensar em um ensino adequando, crítico e democrático, possibilita aos alunos a aquisição de um pensamento amplo e verdadeiro para melhor compreensão das relações entre o ser humano e a sua natureza. Dessa forma, dará aos alunos a possibilidade de unir teoria e prática no conhecimento.

Ao promover o diálogo entre os alunos e as teorias, o educador possibilita ao aluno exercer sua cidadania. Diálogo que deve ser ético e crítico, para possibilitar a reflexão e contribuir para o aprendizado.

A educação é basicamente ideológica, mas existe o diálogo, pois somente assim pode ficar estabelecida a comunicação de aprendizagem entre criaturas que possuem almas, sentimentos e desejos. Ela, como problemática, rebate a essência do ser e sua consciência: a intencionalidade. Esta intencionalidade está presente na competência de olhar o mundo, simultaneamente desprendendo-se dele, nele

estando, desmistificando, problematizando e criticando a realidade contemplada, criando a percepção daquilo que é viável e inédito.

Um dos principais objetivos da educação, segundo os conceitos de Freire (1987) é formar o indivíduo para a vida toda; entendendo que o ensinar é viver em constante transformação nas relações com os outros e consigo mesmo; nesse sentido, um dos fatores que garantem a educação é a fundamentação em palavras.

2.2 A Educação Libertadora e a Pedagogia do Oprimido

A escola é o ambiente de ensino, não apenas de conhecimentos acumulados pela humanidade ou saberes próprios para a profissionalização do indivíduo, para Freire (2007), eu objetivo e de preparar os alunos para desempenhar sua cidadania através de seus direitos, assim, a escola preparará os educandos para a vida.

A educação tem como finalidade acreditar na capacidade do ser humano em compreender a realidade e agir ativamente, melhorando a vida para si e para a sociedade; devendo a escola ajudar aos alunos para que se desenvolvam integralmente. (BRANDÃO, e BORGES, p.51-62. 2007.)

Freire (2005), afirma que o homem é um ser histórico que precisa olhar o passado para melhorar o futuro; sendo seres em constante movimento e transformação, que começa em seu próprio interior. Processo, que ocorre um conhecimento crítico, por ter sido adquirido de forma automática, reflexiva, e implica em revelar a realidade. Esse saber percebe a necessidade de transformar o mundo onde os homens se vêem como seres históricos.

Colocando que todos devem ter voz, Freire (2007), abriu um precedente para a educação, onde a informação ocorre em duas vias, entre professores e alunos, que dividem experiências, conhecimentos e opiniões. Resultando na união de ideias que auxiliam nas novas formas de ver e conceber o mundo possibilitando transformar o mundo e não a reprodução dos saberes.

A educação sugerida por Freire (2007) é voltada para conscientizar alunos e não só adquirir teorias e conceitos; o aluno aprende o que o autor acredita ser mais importante. Para o educador, não adianta o aluno ler e escrever se não souber interpretar e ler o mundo a sua volta.

É diante da construção de um novo modelo de educação, que Freire (1996) percebe a importância dos meios de comunicação na escola; pois, através da interação de alunos e professores com a realidade imediata, é que a educação ganha significado; podendo desencadear um ensino interdisciplinar, pois os meios de comunicação tratam de diversas áreas e temas que podem gerar discussão e debate entre os alunos.

Freire (2007), acreditava que a sociedade estava imersa em uma alienação e dominação trabalhadora, voltada para os interesses dos dominadores; e por esse motivo, sua proposta de educação é considerada revolucionária, estando voltada aos trabalhadores que vivem em situações de opressão e entendendo que o indivíduo não se desenvolve inteiramente, é que surge a educação voltada para a libertação, onde a liberdade, pensada por ele, seria o ferramenta para livrar o homem da opressão e dominação vivida.

Freire (2005) desenvolveu um método de alfabetização direcionado, a jovens e adultos, onde o professor deva trabalhar, em suas aulas, conteúdos e temas que fazem parte da história dos alunos. Método que valoriza a experiência vivida pelo educando e a aprendizagem. Esclarecendo a necessidade da escola ter um projeto que reconheça a cultura do educando escolhendo o conteúdo pedagógico junto com ele.

Segundo Freire (2007) a importância desse método é tornar os alunos autores de seu aprendizado, através do diálogo, explorando as teorias e unindo às suas experiências.

Para Freire (2007), a educação deve estar voltada a liberdade, por gerar e transmitir valores continuamente de geração a geração. Acreditando que a educação somente existe na sociedade e na troca de experiência, por estar voltada para as necessidades humanas e tendo a finalidade de educar para a sociedade.

Dentro desse pensamento de Freire, em que ele mesmo se faz pensar, em uma educação voltada a libertação do homem, uma metodologia de ensino que possa libertar o homem de suas opressões, tornando-os seres donos de sua própria autonomia, é que surge a Pedagogia do Oprimido, que, segundo Freire (1987) constitui naquela pedagogia que deverá ser forjada *com* ele, o oprimido, e não *para* ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão

dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará.

Mas será que qualquer ser humano poderá e estará preparado para a aplicação dessa metodologia liberalista? Freire (1987. p. 32) diz que:

O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto vivam na dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com o opressor, é impossível fazê-lo. A pedagogia do oprimido, que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos para si mesmos e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestações da desumanização.

Para que haja sucesso na aplicação deste método, a pedagogia do oprimido, os educadores e os educandos precisam se desfazer do “hospedeiro”, o opressor, pois será impossível exercer essa pedagogia da dualidade de opressor-oprimido.

Para Freire (1987), a pedagogia do oprimido, que busca a restauração da intersubjetividade, se apresenta como pedagogia do Homem. Somente ela, que se anima de generosidade autêntica, humanista e não “humanitarista”, pode alcançar esta restauração. E justamente por essa razão que esta pedagogia não poderá ser elaborada nem praticada pelos opressores.

Para que a metodologia da pedagogia do oprimido tenha sucesso, Freire (1987) afirma que, ela precisa ter raízes no empenho dos homens na luta por sua libertação, pois nenhuma pedagogia, realmente libertadora, pode ficar distante dos oprimidos, quer dizer, pode fazer deles seres desditados, objetos de um “tratamento” humanitarista, muito pelo contrário, ela precisa partir dos interesses egoístas dos opressores, egoísmo camuflado de falsa generosidade.

Para Freire (2007), enquanto os alunos não se libertarem da dominação recaída sobre eles pela educação que os consideram sem conhecimento, nunca serão seres independentes e nem preparados para desempenhar sua cidadania. A educação libertadora deve fazer com que os alunos desenvolvam o seu pensamento crítico e a reflexão, estabelecendo-os sempre a frente do saber.

E é justamente por esses motivos, que um dos objetivos da pedagogia de Freire é estimular e criar práticas educativas para dar voz aos que não a possuem;

entendendo o conhecimento como uma prática da liberdade; uma pedagogia construída a partir da realidade e não de conceitos.

Dessa forma ele acreditava que o aluno poderia descobrir e reelaborar as informações recebidas, sendo ativo na construção de seus conhecimentos. Pois, o diálogo é a melhor forma de desenvolver seu senso crítico, ocorrendo a troca de experiências e o envolvimento das pessoas com o mundo (FREIRE, 2005).

Através da educação voltada para a libertação, o homem se posiciona no mundo, ocupa o seu lugar e contribui para a formação da sociedade. Dessa forma, dará a ele a possibilidade de fazer uma conexão entre o saber da escola e os conhecimentos que ele adquiriu em sua experiência de vida, dando a ele autonomia e liberdade para utilizar aquilo que aprendeu de forma a intervir na realidade inserida.

3. AUGUSTO BOAL E O TEATRO DO OPRIMIDO

Augusto Boal (1931-2009), teatrólogo brasileiro, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, na penha, bairro onde viveu até seus vinte e dois anos de idade. [...] Formado em Engenharia Química, a qual nunca exerceu a profissão, segundo os seus próprios relatos (em uma entrevista Caros Amigos 2001, p. 29 apud VILLA, 2011), só fez a faculdade para agradar ao pai, que sonhava com os filhos doutores. Paralelamente ao curso na faculdade, Boal gostava de frequentar teatro e ler sobre dramaturgia, além de escrever textos teatrais.

Após corresponder com Jhon Gassner, respeitado teórico e professor de dramaturgia norte-americano, Boal partiu para Nova York, em 1950, onde estudou teatro na Universidade da Columbia, bem como assistiu montagens do Actor's Studio, instituição que trabalhava como o método Stanislavski de interpretação (VILLA, 2011).

Ainda na década de 50, aos 25 anos de idade, Boal retorna ao Brasil, para trabalhar como diretor artístico, por quinze anos, no Teatro de Arena de São Paulo. Segundo Villa (2011), através dos seminários de dramaturgia e dos laboratórios de interpretação, o Teatro de Arena Contribuiu para a criação de uma nova dramaturgia brasileira e um teatro mais popular do que vinha se fazendo naquele período no Brasil. Foi nessa fase em que esteve no Arena que aconteceram as experiências teatrais percussoras do que mais tarde viria a ser chamado de Teatro do Oprimido.

O Teatro do Oprimido surgiu num momento histórico-social em que o país vivia uma ditadura militar e a cena teatral sofria “na carne” as consequência de uma censura violenta. Segundo Boal (em suas entrevistas e textos apud, VILLA, 2011), costuma situar o início do Teatro do Oprimido na prática teatral que desenvolveu no Arena, antes de seu exílio político, mais precisamente com o denominado Teatro-Jornal. Esta técnica consiste na dramatização de notícias de jornal com o objetivo de revelar o intuito manipulador da imprensa e discutir questões relacionadas com a realidade social (VILLA, 2011).

Após sua saída do Brasil, em 1971, Boal continuou a fazer teatro nos países em que viveu e foi paulatinamente desenvolvendo novas técnicas que passaram a constituir o arsenal que compõe o Teatro do Oprimido. (VILA,2011)

O Teatro do oprimido tem sido utilizado como ferramenta de participação popular, como uma forma de discursão dos problemas públicos, constituindo também um instrumento de educação informal de participação popular, ao estabelecer temas para a discussão coletiva, envolvendo a população no debate das questões públicas. Essa técnica tem sido aplicada em varias áreas do conhecimento sendo analisada a mais de 50 anos. Apesar de ser uma técnica genuinamente brasileira, hoje esse método já está difundido no mundo inteiro em mais de 70 países.

O Teatro do Oprimido é um movimento teatral e prática cênico-pedagógica possuindo características de participante destinando-se à mobilização do público, vinculando ao teatro de oposição. Seria o oprimido aquele despossuído do direito de falar, de ter sua personalidade, e direito de ser (BOAL. 1996).

O Teatro do Oprimido, através de exercícios, jogos e técnicas teatrais, objetiva estimular a discussão e questionamento de questões diárias, com o intuito de fornecer maior reflexão das relações de poder, através de histórias entre opressor e oprimido.

Utilizado como uma ferramenta de participação popular, para debater as dificuldades públicas. Compondo uma educação informal de participação popular, e estabelecendo temas para o debate coletivo, envolvendo a população no debate. O Teatro do Oprimido estimula ainda a capacidade de sugerir alternativas para os assuntos diários.

O individuo nesse teatro, representa o seu próprio papel, avaliando seus atos, examinando e reorganizando sua vida. Para Boal (1977) o Teatro do Oprimido é uma manifestação de teatro popular não sendo teatro para o oprimido, mas sim o teatro dele mesmo.

Não sendo teatro onde o artista interpreta um papel , mas sim o teatro onde representa seu próprio papel e tenta encontrar formas de libertação. O Teatro do Oprimido é um teatro das classes oprimidas e dos oprimidos. A metodologia de trabalho, determina uma preparação do indivíduo para ações reais na sua vivência habitual e social buscando a libertação. (BOAL, 2005)

Essencialmente, o espectador é estimulado a cessar a ficção observada, sempre que avaliar falsas ou irreais, soluções seguidas em cena, situando-se entre ficção e realidade, e o espectador entre pessoa e figura dramática. Em sua

experiência real Boal e seus companheiros desenvolveram diferentes perspectivas deste movimento teatral.

3.1. Técnicas do Teatro do Oprimido

Segundo Boal (1977), para se compreender a Poética do Oprimido é preciso conhecer seu principal objetivo que é o de transformar o espectador passivo, em ator transformador da ação dramática, assumindo ele mesmo esse papel. As metodologias apresentadas abaixo, foram construídas e elaboradas durante toda a vida de Boal a partir da sua paixão pelo o fazer teatral e todo o seu envolvimento e dedicação as classes populares e oprimidas, não só no Brasil, mas também em outros países onde frequentou e viveu por algum tempo.

3.1.1 Teatro Jornal

O teatro jornal tem na sua metodologia a transformação de notícias de jornal ou qualquer outro material não dramático em cenas teatrais. [...] Nesta técnica, encena-se o que se perdeu nas entrelinhas das notícias censuradas, criando imagens que revelem silêncios. (VASCONCELLOS, 2013)

Através do Teatro Jornal o espectador transforma em cena teatral notícias de jornais, revistas, bíblia ou qualquer outro material informativo. Sendo a ideia principal do Teatro do Oprimido: pegar jornal e transformar notícias em cena de teatro.

3.1.2 Teatro Imagem

No teatro imagem as encenações baseiam-se em linguagens não verbais uma alternativa encontrada por Boal para trabalhar com indígenas, no Chile. Que participavam de um programa de alfabetização e precisavam se comunicar entre si (VASCONCELLOS, 2013).

Segundo Vasconcellos (2013), no teatro imagem os espectadores intervêm diretamente usando composições corporais com os corpos dos demais

participantes. Pede-se a eles que ocupem como escultores um conjunto de estátuas, isto é, imagens formadas com os corpos de outros participantes e objetos presentes no local, e apresentem visualmente uma opinião individual ou coletiva, sem falar, de um problema exposto, um conflito ou um tema escolhido.

3.1.3 Teatro Invisível

O teatro invisível consiste em atuar representando papéis em lugares públicos, sem que haja conhecimento prévio das pessoas que lá se encontram, de que se trata de uma cena teatral (VASCONCELLOS, 2013).

Segundo Boal (2011, p.23, apud Vasconcellos 2013), O Teatro Invisível não é realismo: é realidade. Realidade e ficção se interpenetram, mas nós sabemos que a ficção é sempre uma das múltiplas formas que a realidade assume, tão real como qualquer outra.

O teatro do invisível não comete violências, apenas revela as violências que por ventura existam na sociedade. [...] Nele existe uma peça que se desenrolará, mesmo sem a participação dos espectadores. Estes, por sua vez, não são obrigados nem induzidos a entrar em cena: entram se quiserem e quando desejarem. E jamais fazendo qualquer coisa que ponha os participantes em ridículo ou que os faça revelar mais do que aquilo que desejam revelar (BOAL, 2011, p. 27 apud VASCONCELLOS 2013).

O Teatro Invisível pode ser realizado em qualquer lugar, e somente os atores sabem que ocorre uma encenação, sendo a discussão estimulada pela encenação de representações cotidianas, problemas que tenham a ver com a realidade opressiva.

3.1.4 Teatro-Fórum

No Teatro-Fórum a metodologia baseia-se na criação de pequenas situações reais, normalmente em oficinas de algumas horas, situações nas quais se verifica uma clara situação de opressão, representadas posteriormente para uma plateia que é convidada a participar, substituindo os atores, equacionando todas as

possibilidades. No teatro fórum, como técnica teatral é utilizada uma pergunta feita pelo elenco aos espectadores. É apresentado um problema objectivo, através de personagens opressores, que entram em conflito por causa de seus desejos e vontades contraditórias (RIBEIRO, 2000, p.5)

Canda (2012, p.203, apud Vasconcellos, 2013), diz que o objetivo do Teatro-Fórum não é vencer o opressor ou apresentar uma alternativa “correta” para o problema, e sim, provocar a criação de possibilidades distintas de leitura da realidade, em um ensaio para revolução da vida social. É mostrar que as relações são mutáveis, a partir da atuação e da luta por aqueles que não concordam com o modo como esta se apresenta. Com os exercícios de crítica e de simulação da realidade, possibilita-se a afirmação das “cenas” e atos cotidianos como passíveis de mudança e de transformação por meio da alteração do sujeito nas relações na vida social.

3.1.5 Arco-Íris dos Desejos

Nos anos de 1980, na França, Boal e Cecília Boal se deparam com opressões ligadas a subjetividade. Não se tratava mais de agressões físicas e políticas. (VASCONCELLOS, 2013)

Segundo Vasconcellos (2013), “arco-íris do desejo é um método totalmente terapêutico, desenvolvido por boal, direcionado a cura de traumas e distúrbios psicológicos ou psicossomáticos das pessoas”. Na prática busca-se prováveis soluções para os problemas interiorizados, através de jogos, onde o paciente-protagonista possa ver os espelhos de suas reações, em uma mesma cena, montando e remontando, de várias formas, podendo assim perceber aonde foi o seu “erro” ou o que o levou a suas escolhas. Com isso ele poderá refazer a cena modificando e/ou organizando seus pensamentos.

3.1.6 Teatro Legislativo

No teatro legislativo tem-se na verdade a apresentação de uma cena de teatro fórum em que através de células os espectadores sugerem propostas de lei sobre o tema da peça encenada e encaminhada para uma célula metabolizadora

formada por pessoas que entendem de lei, que vão analisar e sistematizar propostas que serão votadas, encaminhadas, para depois serem transformadas em leis (VASCONCELLOS, 2013).

Nessas formas de teatro é necessário um condutor, denominado de coringa que tem a função de informar as regras do jogo e estimular o público a participar, para alterar a cena. Sendo o coringa versátil em suas ações podendo substituir os atores, instigando o público a encontrar soluções para o tema abordado, não devendo manipular o espectador nas suas ações e nem decidir nada por conta própria aceitando as modificações feitas, o coringa é o elo entre a platéia e palco.

Fazer teatro o mais importante não é chegar em uma boa solução e sim um bom debate. Augusto Boal (2005) atesta que os debates, conflito de idéias argumentação e contra argumentação estimula e prepara o espectador para agir.

A técnica do Teatro do Oprimido é a expressão concreta, técnico-operativa, do processos teórico- metodológicos e ético- políticos que orientam a realidade social. O conteúdo e o social do Teatro do Oprimido demonstram a opção política de Boal e todos que têm implementado a emancipação humana.

3.1.7 Árvore do Teatro do Oprimido

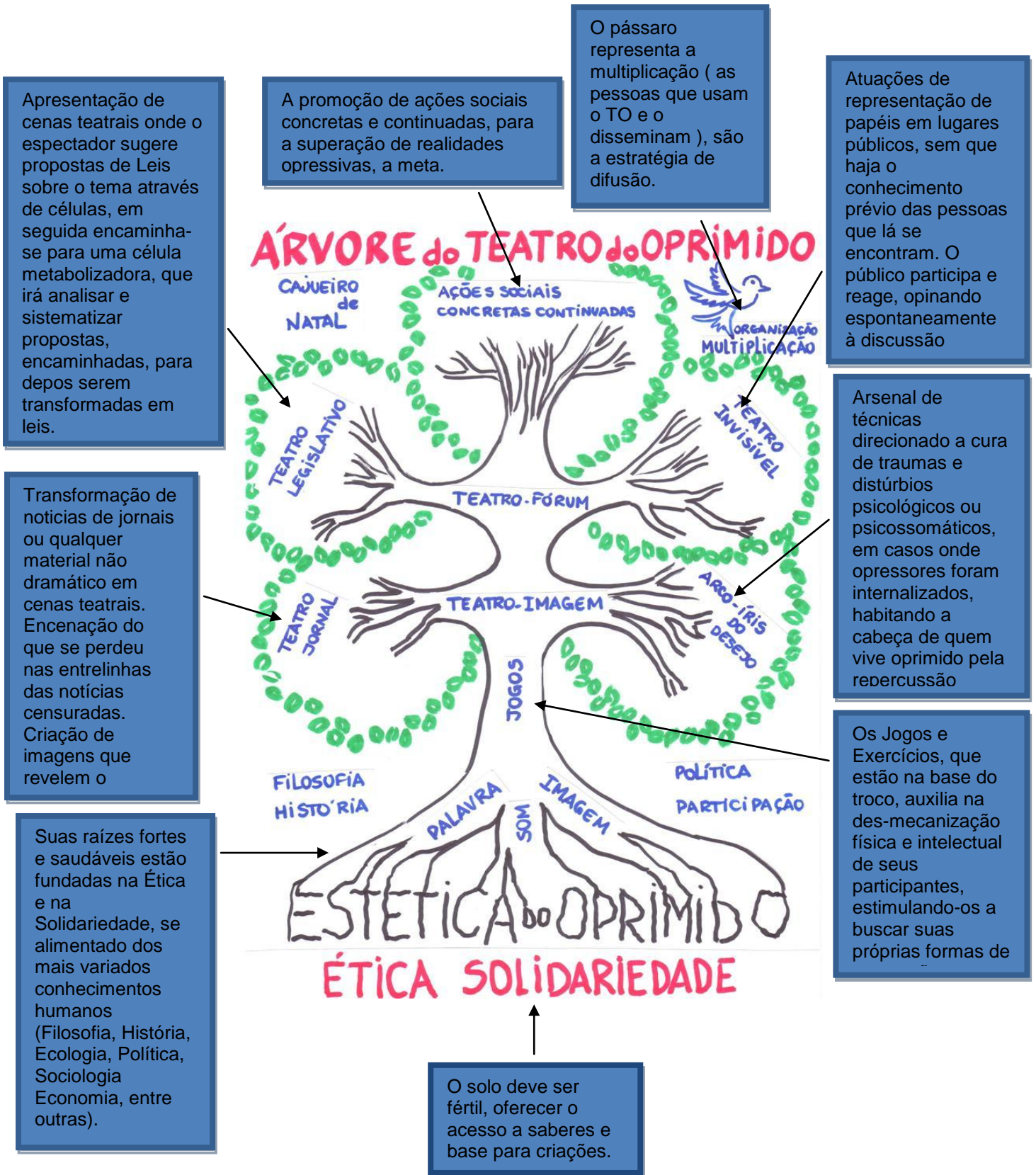
A árvore fio o símbolo escolhido por Boal para representação de seu método, por ser um elemento em constante transformação e, também, por ter uma grande capacidade de multiplicação. Bárbara Santos (integrante do CTO – Centro do Teatro do Oprimido no Rio de Janeiro), diz que:

“ à árvore do Teatro do Oprimido representa a estrutura pedagógica do Método que tem ramificações coerentes e interdependentes. Cada método é fruto de uma descoberta, é uma resposta a uma demanda efetiva da realidade”.

Bárbara afirma que Boal sempre insistiu que as técnicas que compõe o método do Teatro do Oprimido não surgiram como invenção individual e sim como consequência de descobertas coletivas.

A Estética do Oprimido tem por fundamento a crença de que somos todos melhores do que supomos ser, e capazes de fazer mais do que aquilo que efetivamente realizamos: todo ser humano é expansivo.

Figura: Árvore do Teatro do Oprimido



4. APROXIMAÇÕES ENTRE O EDUCADOR DEMOCRÁTICO E O SISTEMA CURINGA

4.1 O Educador Democrático

Diferentemente e o oposto do educador bancário aquele indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja a tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração, conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e que em cuja visão ganharia significação, o educador democrático na concepção de Paulo Freire é o educador que reconhece os homens como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos em e com uma realidade que, sendo histórica também é igualmente inacabada. Seres esses que por serem inacabados e históricos não chegam a escola sem nenhum conhecimento. Por isso o educador democrático e revolucionário, identificando, desde de logo, sua ação com as dos educandos, deve orienta-los no sentido da humanização de ambos. Do pensar autêntico e não no sentido da doação, da entrega do saber. Sua ação deve estar infundida da profunda crença nos homens. Crença no seu poder criador.

4.2 O Sistema Curinga

O Sistema Curinga surgiu dentro da técnica de Teatro-fórum, onde Boal percebe a necessidade de haver um personagem porta voz, um protagonista que funcione como: explicador; diretor de cena; conferencista; mestre de cerimônia; contra-regra e etc, dos anseios das dificuldades e das posturas do grupo. Segundo Canda (2012) “esta técnica visa colocar em prática as diferentes ideias e sugestões de ações pela plateia para a superação do problema de opressão apresentado na peça”. Se trata de um jogo de atuação dos espect.-atores, onde eles testam as várias possibilidades para a superação da opressão. O curinga, assim como é chamado o personagem porta voz, é o sujeito provocador e facilitador do debate entre palco e plateia. A partir de sua mediação, a plateia analisa cada parte do espetáculo, podendo assim em seguida intervir a cena para sugerir melhorias para a extinção da opressão.

4.3 Quadro de Aproximações Entre o Educador Democrático e o Sistema Curinga.

O Papel do Educador Democrático	O Papel do Sistema Curinga
<p>O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com quem devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. [...] Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. (FREIRE, 2011, p.28)</p>	<p>O “sistema curinga” não nasceu porque sim, mas foi determinado pelas características atuais da nossa sociedade e, mas especificamente, da nossa plateia.</p> <p>Suas metas são de caráter estético e econômico. (BOAL, 1991, p. 207)</p> <p>A ideia central neste tipo de teatro é a função do curinga que para Boal, busca trazer os espect-atores para dentro da discussão da peça em questão. O que se busca e dar voz ao espectador, permitindo que situações vistas como pessoais possam ser aprofundadas e generalizadas, de forma que os aspectos políticos possam ser nela identificados. (NOGUEIRA E VELLOSO, p.97)</p>
<p>O educador não pode negar ou esconder sua postura diante a realidade analisada, mas também não pode desconhecer o direito do educando de rejeitá-la. Em nome do respeito que tem aos alunos, o educador, também não pode omitir o seu conceito sobre a realidade analisada, pois acaba ocultando a sua opção política, assumindo uma neutralidade que não existe. O papel do educador é de quem testemunha o direito de comparar, de escolher, de decidir e estimular a assunção destes direitos por parte dos educandos. (FREIRE, 2011, p.69)</p>	<p>A necessidade de analisar o texto e revelar essa análise à plateia; de enfocar uma ação segundo uma determinada e preestabelecida perspectiva e só dessa; de mostrar o ponto de vista do autor ou o dos recriadores - essa necessidade sempre existiu e sempre foi respondida diversamente. [...]O monólogo, do curinga, serve para oferecer a plateia um prisma através do qual possa entender a totalidade dos conflitos do texto. (BOAL, 1991, pp.207 e 208) Só, então, depois e analisar a totalidade do conflito o espectador pode intervir a cena com seu próprio ponto de vista.</p>
<p><i>O educador democrático analisa a realidade e ou texto oportunizando o educando/plateia a compreensão da totalidade do conflito/problema demonstrando o seu ponto de vista e o ponto de vista dos autores, dando em seguida o direito do educando/espectador de decidir e intervir a totalidade do conflito/problema com o seu próprio ponto de vista.</i></p>	
<p>Ensinar exige a convecção de que a mudança e possível. Um dos saberes</p>	<p>No sistema do Coringa, o mesmo problema se oferece e uma solução</p>

<p>primeiros, indispensáveis a quem, chegando a favelas ou a realidades marcadas pela traição a nosso direito de ser, pretende que sua presença se vá tornando convivência, que seu está no contexto vá virado está com ele, é o saber do futuro como problema e não como inexorabilidade. É o sabe da história como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sedo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente o professor se relaciona, o seu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. (FREIRE, 2011, p. 74 e 75)</p>	<p>parecida se propõe. [...] Dentro do sistema, as “explicações” que ocorrem periodicamente procuram fazer com que o espetáculo se desenvolva em dois níveis diferentes e complementares: o da fábula (que pode utilizar todos os recursos ilusionísticos convencionais do teatro) e o da “conferência”, na qual o curinga se propõe como exegeta. (BOAL, 1991, p. 208)</p>
<p>Ensinar exige uma postura revolucionaria. O educador precisa ter a resistência que nos preserva vivos, a compreensão do futuro como problema na vocação para o “ser mais”, como expressão da natureza humana em processo de “estar sendo”, fundamentando a sua “rebeldia” e não a sua “resignação” em faces as ofensas que destroem o ser. [...] Não se trata obviamente de impor à população espoliada e sofrida que se rebele, que se mobilize, que se organize para defender-se, vale dizer, para mudar o mundo. Trata-se, na verdade, de desafiar os grupos populares para que percebam, em termos críticos, a violência e a profunda injustiça que caracterizam sua situação concreta. Mais ainda, que sua situação não é destino certo ou vontade de Deus, algo que não pode ser mudado. (FREIRE, 2011, pp.76 e 77)</p>	<p>(...) o principal tema da técnica teatral moderna ficou sendo a coordenação de suas conquistas, de forma a que cada novo produto venha enriquecer o patrimônio existente e não substituí-lo. E isto deve ser feito dentro de uma estrutura que seja inteiramente flexível e absorvente que qualquer descoberta e, ao mesmo tempo, imutável e sempre idêntica a si mesma. [...] Um dos propósitos estéticos não menos importante do sistema consiste em tentar resolver a opção entre personagem-sujeito e personagem-objeto, que, esquematicamente, deriva da consideração de que o pensamento determina a ação ou, ao contrário, a ação determina o pensamento. (BOLA, 1991, pp.210 e 211)</p>
<p><i>O papel do educador democrático/curinga é fazer com que o educando/espectador que se rebele, em termos críticos, a violência e as injustiças que concretizam sua situação atual, para que ele possa, em faces as ofensas que o destroem, criar soluções para a resolução do problema lançado pelo educador/curinga. Levando-o a crer que a realidade é algo que pode ser modificado.</i></p>	

<p>É necessário que a professora ou o professor deixe voar criadoramente sua imaginação, obviamente de forma disciplinada. E isto desde o primeiro dia de aula, demonstrando aos alunos a importância da imaginação de nossa vida. A imaginação ajuda a curiosidade e a inventividade da mesma forma como aguça a curiosidade e a inventividade da mesma forma como aguça a aventura, sem o que não criamos. A imaginação naturalmente livre, voando ou andando ou correndo livre. No uso dos movimentos do corpo, na dança no ritmo no desenho, na escrita desde o momento mesmo em que a escrita é pré-escrita – é garatuja. A imaginação, que nos leva a sonhos possíveis e ou impossíveis, é necessária sempre. (FREIRE, 1997 p.47)</p>	<p>“sua realidade é mágica: ele a cria. Sendo necessário, inventar muros mágicos, combates, banquetes, soldados, exércitos. Todos os demais personagens, aceitam a realidade mágica criada e descrita pelo curinga. Para lutar usa arma inventada, para cavalgar inventa o cavalo, para matar-se crê no punhal que não existe. (...) O curinga e polivalente: é a única função que pode desempenhar qualquer papel da peça, podendo inclusive substituir o protagonista nos impedimentos deste, determinados por sua realidade naturalista. (...)Todas as possibilidades teatrais são conferidas à função Coringa: é mágico, onisciente, polimorfo, ubíquo. Em cena funciona o mestre de cerimônias, dono, do circo, conferencista, juiz, explicador, exegeta, contra-regra, diretor de cena e etc. (BOAL, 1991, pp.215 e 216)</p>
---	--

APROXIMAÇÕES	
Paulo Freire	Augusto Boal
<ul style="list-style-type: none"> • Libertação do oprimido a partir da educação; • Diálogo entre educador e educando a partir da exploração das teorias e das experiências de cada um; • Pedagogia construída a partir da realidade e não dos conceitos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Libertação do oprimido a partir do Teatro; • Diálogo entre o espectador e plateia a partir da representação do espectador do seu próprio papel em cena examinando e reorganizando a sua ação; • Técnica teatral elaborada a partir da representação da realidade do artista.
Objetivos	
<ul style="list-style-type: none"> • Estimular e criar pratica educativas para dar voz aos que não possuem. 	<ul style="list-style-type: none"> • Estimular a discussão e questionamento de questões diárias de opressão, com o intuito de fornecer maior reflexão das relações de poder, através de histórias entre opressor e oprimido utilizando da prática cênico-pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após um breve estudo entre a metodologia de Paulo Freire e Augusto Boal, é notável a aproximação que existem entre suas obras e o papel da atuação do “educador democrático” e o “sistema Curinga”, de modo crítico e participativo, na construção de subsídio teórico-prático, objetivando revisar e transformar as práticas sociais opressoras. A concepção dos dois autores é a libertação do ser humano, do “ser mais”, um ser que possui sua própria autonomia, possuidor de sua liberdade.

De um lado Freire cria o seu método libertador e o direciona ao papel do educador, dando a ele toda a responsabilidade e confiança para o desenvolvimento e disseminação de sua tarefa, em meios a tantas “muralhas” institucionais e políticas que há na educação brasileira, para que ele possa, apesar das dificuldades, desenvolver um trabalho paralelo, transformando e libertando os educandos das opressões causadoras da anulação do homem como ‘ser mais”. Do outro lado, Augusto Boal que retoma o verdadeiro papel do teatro, e o devolve ao povo, quebrado a aristocracia que vem o acompanhando desde a Grécia Antiga, a partir do “Sistema Trágico Coercitivo de Aristóteles”, através da criação do “sistema curinga” onde o papel do curinga é de ser o intermediador entre plateia e o espetáculo fazendo assim a quebra da quarta parede, levando o público, a partir das suas provocações, a participar, ativamente, das encenações.

Podemos concluir que o papel do Professor Democrático e do Curinga (figura protagonista do sistema curinga) tem por objetivos a resolução de problemas sociais, políticos e econômicos de uma determinada sociedade, pois é justamente o ocultamento destes temas que fazem com que o ser humano seja tomado pelo “ser menos”. Para que tenhamos um resultado promissor, nos dois papeis, é necessário lançar o “problema” ao educando e/ou a plateia, dando todo um suporte de fatos concretos e reais, sem omissão e ocultamento das historicidades que os levam a compreensão dos fatos, históricos e políticos da sociedade, pois como diz Freire, se somos seres históricos e inacabados, todos nós possuímos uma bagagem de conhecimento, e esse conhecimento será a chave para a resolução dos problemas lançados pelo educador/curinga.

Concluindo, o papel do educador/curinga e lançar o “problema”, dando todo um embasamento histórico-teórico, contextualizando o porque da existência desse problema e, assim, por si só, a partir da compreensão e da sua experiência de vida

sócio-cultural, o educando/espect-ator lançará sugestões para a compreensão e recriação do princípio criador das coisas criadas.

Em um país marcado pelas disparidades sociais, onde a nossa educação é apontada por um Sistema Bancário e opressor, as metodologias de Freire e Boal, visa atuar de forma crítica e participativa na transformação de práticas sociais excludentes, como a educação bancária, tanto no contexto educacional quanto no cultural.

Ser um Educador Democrático ou o Curinga do Teatro do Oprimido nos dias atuais, não será uma tarefa fácil, mas também não é impossível. Sabemos que o pensamento de Freire e Boal é enxergado, por muitos educadores, como uma utopia, pois em meio a tantas burocracia institucionais e educacionais, o educador vai esquecendo qual é o seu verdadeiro papel na educação, tornando, assim, mais um entre tantos e assumindo um papel de opressor.

Sabemos como é difícil atuar de forma democrática dentro do “sistema educacional”, mas a sala de aula é do educador o espetáculo, dentro do sistema curinga, é do curinga, e atuando como donos de sua liberdade, poderão fazer de suas aulas um verdadeiro “show” democrático, libertando-se e proporcionando a liberdade a muitos seres humanos.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras Poéticas políticas**. 6º ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1991.

BOAL, Augusto. **Teatro Legislativo: Versão beta**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues e BORGES, Maristela Correa. **A pesquisa participante: um momento da educação popular**. Rev. Ed. Popular, v.6, p.51-62. Uberlândia, jan./dez. 2007.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 31º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo, Editora Olho d'água, 1997.

Artigos Disponíveis na Internet

CANDA, Cilene N. **Pulo Freire e Augusto Boal: diálogos entre educação e teatro**. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/setembro2012/arte_artigos/dia_logos_entre_educacao_e_teatro.pdf, acesso em: 02/03/2015.

[cfm?fuseaction=cias_biografia&cd_verbete=657](http://www.todamateria.com.br/desigualdade-social-no-brasil/)>, acesso em: 25/07/14

Desigualdade social, disponível:< <http://www.todamateria.com.br/desigualdade-social-no-brasil/>>, acesso em: 02/03/2015.

GADOTTI, Moacir. **Teatro do Oprimido e Educação**. Metaxis: informativo do Centro do Teatro do Oprimido, CTO-Rio, nº 3, p. 42-43, Nov 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em:

<http://www.pmr.v.sc.gov.br/publicacoesETrabalhosArquivo.do?cdPublicacao=2337>, acesso em: 15/03/2014.

ITAÚ CULTURAL. História do Arena. Disponível em <<http://www.itaucultural.org.br/apl>.

NETTO, José Paulo. **Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós -64**. 8. ed. São Paulo, Cortez, 2005.

NOGUEIRA, Márcia Pompeio. **VELLOSSO, Sônia Laiz. Reflexões estéticas: um caminho para um novo curinga**. Disponível em: http://www.ceart.udesc.br/dapesquisa/files/9/01CENICAS_Marcia_Pompeo_e_Sonia_Velloso.pdf, acesso em: 15/03/2014.

RIBEIRO, Eva. **RIBEIRO, Carlos. Caderno de aprendizagem do autonomus Nº1: teatro do oprimido**.

SANTOS, Bárbara. **Árvore do teatro do oprimido**. Site oficial do CENTRO DO TEATRO DO OPRIMIDO. Disponível em: < <http://ctorio.org.br/novosite/arvore-do-to/arvore-do-teatro-do-oprimido/>>, acesso em 02/02/2015.

STRECK, Danilo Romeu. **Da pedagogia do oprimido às pedagogias da exclusão: um breve balanço crítico**. Educ. Soc. Vol. 30 no. 107 Campinas May/Aug. 2009, Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302009000200012> , acesso em: 02/03/2015.

VALOURA, Leila de Castro. **Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo empoderamento, em seu sentido transformador**. Residente do _Programa Comunicarte de Residência Social, 2005/2006. Disponível em < http://tupi.fisica.ufmg.br/michel/docs/Artigos_e_textos/Comportamento_organizacional/empowerment_por_paulo_freire.pdf>, acesso em: 02/03/2015.

VASCONCELLOS, Elaine Livia Molla de. **O teatro do oprimido e sua contribuição na formação da criança com transtorno de déficit de atenção com hiperatividade**. Natal-RS, 2013. 153f.

VILLA, Sandra Maria Miranda. **Teatro ou terapia? A poética do oprimido e a catarse do espectador**. Bahia, 2011, 136 f.

ZATTI, Vicente. **Autonomia e Educação em Emmanuel Kant e Paulo Freire**. Porto Alegre 2007. Disponível em < <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/autonomia/autonomia/autonomia.html>> acesso em: 07/03/2015.